

Angélica Rodrigues de Oliveira¹
Fabiana Comerlato²

Resenha

PATOU-MATHIS, MARYLÈNE. O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO TAMBÉM É MULHER: UMA HISTÓRIA DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES. RIO DE JANEIRO: ROSA DOS TEMPOS, 2022, 294 P.

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, angelica@aluno.ufrb.edu.br

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, fabianacomerlato@ufrb.edu.br

Marylène Patou-Mathis é uma arqueóloga pré-historiadora que se dedica a aprender sobre o comportamento dos primeiros humanos, especialmente sobre o dos neandertais. Ela é diretora de pesquisa no *Centre National de La Recherche Scientifique* e trabalha no departamento de Humanidade e Meio Ambiente do Museu de História Natural, ambos de Paris. Escreveu inúmeros livros sobre pré-história. Em sua obra *O homem pré-histórico também é mulher: uma história da invisibilidade das mulheres*, a autora faz uma imensa pesquisa documental e reúne bibliografia acerca dos registros de atuação feminina ao longo da história, muitos deles erroneamente classificados pela arqueologia como masculinos.

Segundo Marylène Patou-Mathis, o postulado de invisibilidade imposto à mulher é projeto político de uma pré-história que não foi além de uma descrição restrita às características biológicas ditas inferiores em relação ao homem, conforme se atesta nas citadas obras de autores que, ao longo dos tempos, reproduziram as relações patriarcais nas ciências. A autora afirma que a pré-história, ainda na atualidade, também é dificilmente compreendida para além de uma normatização europeizada bastante limitada quando se trata de estudar os povos tradicionais, como indígenas e africanos, campos em que a sacralização da mulher altera o funcionamento das coisas em seus cotidianos, e as ideias eurocentradas não fazem sentido algum.

Numa obra composta de 4 capítulos, a edição brasileira é acrescida do pensamento de ativistas locais: o prefácio de Giovana Xavier, historiadora social, e o posfácio da jornalista e ativista indígena Renata Tupinambá; também inclui anexos com bibliografia geral e as grandes etapas da evolução humana. No posfácio, que comenta a obra a partir do olhar indigenista latino-americano, Renata Tupinambá apresenta a terra como mulher e mãe, ao afirmar refletir que “[...] os universos cosmológicos dos povos originários são fundamentais para compreender essas mulheres que guardam arquétipos de suas sociedades [...]” (p.289).

Ao longo da obra, destaca-se a batalha que a arqueologia de gênero tem travado desde o seu surgimento; comprovando assim a presença da mulher desde as sociedades pré-históricas, exercendo funções ditas masculinas – como portar armas, guerrear e caçar, por exemplo. O texto convida o leitor à desconstrução da maneira como foram descritos os seres humanos pré-históricos, segundo a qual cabia à mulher o papel de esperar seus maridos na caverna, ou seja, estavam submetidas ao modelo ocidental de família patriarcal, de acordo com pinturas, esculturas e obras da época.

Para Patou-Mathis, o discurso de negação de neutralidade científica destacou o patriarcado em projetos políticos guiados por princípios de inferiorização feminina, tendo como base a sexualização do corpo feminino e o condicionamento biológico. Ela apresenta, com documentação e bibliografia especializadas, forte denúncia acerca do poder masculino utilizado para inferiorizar a mulher, destacando pesquisas sobre as mulheres da pré-história e as sociedades em que tais mulheres exerciam poderes, inclusive o matriarcado.

Discutindo no capítulo I a visão romântica das mulheres pré-históricas, a

autora propõe uma desconstrução dos paradigmas e uma abertura para olhar os entes pré-históricos além do que se escreveu até aqui, ou seja, superar a versão que inclui a transformação do homem pré-histórico de macaco a herói e o esquecimento total da participação feminina na evolução humana. A medicalização da ciência e a religiosidade vigente, acrescidas do pensamento dominante sobre o clichê do sexo frágil que atravessa a história da mulher, assumindo o mero papel biológico marcou a vida das mulheres e ainda adentra os estudos da evolução humana. É a invisibilidade e o negativismo da presença feminina em favor dos homens que marcam os estudos científicos. Nesse sentido, a obra nos convida a conhecer referências às violências nas práticas humanas, destacando que os raptos de mulheres não são razão maior que o infanticídio feminino, o rapto e o incesto praticados há mais de 300 mil anos, se comparados a postulados como a troca, evitando os conflitos e gerando os laços sociais obrigatórios, a violência como caracterização humana presente nos estudos de vários pensadores e filósofos não é coerente, não existem dados para essa ontológica violência.

No capítulo II, a autora nos apresenta mulheres que – embora governadas por alguém de seu sexo e sob o estigma de uma visão médica do seu corpo como “doente e mortífero”, considerando-as “fleumáticas e histéricas”, incapazes e desprovidas de capacidade intelectual – vão dando sinais de que sua participação na vida produtiva nunca foi de aceitação, nem existe comprovação de que havia aceitação das mulheres à condição de “predestinadas à maternidade”. Embora nas pinturas as mulheres pareçam se dedicar à colheita e à coleta, os estudos em seus esqueletos apontam “braços mais fortes que as atletas atuais, decorrentes da agricultura, do trabalho com peles, da fiação, cestaria, tecelagem e produção de cerâmica”.

O contexto histórico e intelectual apresentado pela autora afirma que o surgimento da pré-história enquanto disciplina científica se enquadrou nos moldes de dominação econômica e social, referindo-se à mulher como ser insuficiente e inferior, por ordem sagrada, a quem se deve punir e vigiar; se detectam registros desde o Atharva Veda, que a definem como simples recipiente, tendo sido sua forma corporal e seu princípio da vida dados pelo homem. Carregam a “culpa” do pecado original e, por natureza, “alguns gramas de cérebro a menos e uma caixa craniana menor; carnes moles e uma inteligência submetida aos caprichos das menstruações; eternas choronas e histéricas em potencial”. A fraqueza segue sendo sinônimo de mulher e, “ainda no século das luzes, o corpo feminino seguia representando temor e todo intento de criação e liberdade dele advindo devia ser anulado”.

O capítulo III, intitulado *A arqueologia pré-histórica à luz das novas descobertas e da arqueologia de gênero*, dedica-se a elencar as resistências femininas desde o pós-guerra. Aí surgem as primeiras vozes insurgentes na arqueologia, onde se questiona o olhar masculino e invisibilizador da mulher e se destaca a arqueologia pré-histórica atual, à luz das novas descobertas e da arqueologia de gênero, tratando de evidenciar os papéis ativos da mulher, o discurso masculinizado

e único que já não convence as novas perspectivas da recém-criada arqueologia de gênero ou arqueologia feminina. No ano de 1970, surgiu o conceito de gênero; na década seguinte, com a apresentação da pesquisa da arqueóloga norueguesa Liv Dommasnes, a arqueologia de gênero se desenvolve, sob o comando de algumas arqueólogas estadunidenses, questiona as convenções que sustentaram a ausência da mulher na arqueologia e mais: “um estado de coisas – a escassez de mulheres arqueólogas em campo ou encorajadas a trabalhar em laboratório, [...] tanto quanto a imagem do caubói da ciência [...]” (p. 108).

A autora questiona as condições e convenções utilizadas nas interpretações arqueológicas que anularam a presença da mulher da prática da caça e da guerra ao “se considerar que os homens sepultados com carruagens fúnebres foram ‘chefes’”.

Patou-Mathis diz “não haver argumento arqueológico para não considerarmos as mulheres sepultadas com carruagens fúnebres da mesma forma. É possível que funções de poder econômico e mesmo político tenham sido atribuídas a algumas mulheres”. A ausência das mulheres na escrita da pré-história hoje é representada por vozes erguidas na incumbência de denunciar o “androcentrismo na arqueologia” e em outras disciplinas.

A pesquisa apresentada na obra, feita a partir de trabalhos paleoantropológicos, aponta as mulheres pré-históricas como caminhantes infatigáveis, musculosas e hábeis; demonstra que seus corpos menores não as impediram de realizar com garra as atividades consideradas masculinas, tese “refutada pelas análises de seus esqueletos” (p. 149), e ainda considera a patrilocalidade frequente. As análises também apontam a matrilocidade como alternativa, ainda que se tenham notícias das comunidades patrilocais há mais de 50 mil anos. As definições de “o caçador” e “a coletora” são questionadas pela pesquisadora: não se trata de um conto normativo, já que algumas análises de esqueletos apontam lesões análogas às causadas por armas de caça? Ademais, é preciso rever as razões da negação da mulher, observar se a história mostra a parceria entre mulheres e homens ao longo da construção historiográfica.

Consideradas como guerreiras e diante da possível atribuição de poder a algumas mulheres, de acordo com a existência de materiais bélicos e ostentadores em túmulos femininos, similarmente aos dos homens, a presença de mulheres armadas compõem o total de 37%, num montante de mais de 1.000 túmulos citas e de outras tribos situadas da Bulgária até a Mongólia. Com o reforço da comprovação do DNA, a obra relata uma pesquisa de 2014 que demonstrou ser de uma mulher o esqueleto encontrado com dois cavalos e tabuleiro de jogos, além de uma espada, 25 flechas e duas lanças, assim como as guerreiras da etnia fon do antigo Reino do Maomé, hoje República do Benin, marcaram época. Apresenta uma pesquisa a qual revela que “[...] túmulos descobertos na fronteira entre a Rússia e o Cazaquistão, datados entre 600 e 200 anos antes da nossa era, continham corpos de mulheres ricamente paramentadas e enterradas com suas armas” (p. 197).

É no capítulo IV, o último da obra, que Marylène Patou-Mathis convida as

mulheres a se desfazerem das marcas da opressão, reconhecerem essa existência rebelde negada e reescreverem a história, considerando as mulheres citadas, apresentando-as às gerações presentes e futuras, para que sejam lembrados os seus feitos tidos como inexistentes. Ainda que tronos tenham sido deixados de ser ocupados por mulheres (mesmo pelas filhas do soberano morto), e ainda que muitas sucessões tenham sido eliminadas, “sim, existiram mulheres ilustres: guerreiras, sacerdotisas, poetisas, cientistas, filósofas, aventureiras, que marcaram a história e a cultura”, e obras femininas foram mantidas como confidenciais, mulheres foram presas sob acusação de feitiçaria, e algumas mulheres eram “muito guerreiras, valentes e corajosas nas armas, como também muito douradas em filosofia e que ensinaram nas escolas públicas entre os gregos e os romanos”.

A autora afirma que a equiparação entre os sexos é social, equilibrando direitos entre homens e mulheres, e que a resistência feminina mudou a vida das mulheres, as quais não tinham direito ao trabalho remunerado nem ao voto, eram consideradas inferiores e excluídas das atividades públicas e, ainda que assim como os homens estivessem submetidas às leis e a pagar impostos, eram impedidas de participar na vida pública.

A elaboração desta síntese da obra leva à compreensão das razões de tamanha invisibilidade feminina. Portanto, é uma leitura que não deve ser feita mecanicamente, mas com reflexão. Trata-se de uma leitura desafiadora, que nos ajuda a pensar e analisar, de forma crítica e vivaz, a realidade em que vivemos. A obra é um ensaio profundo, que traz a mulher para o centro das pesquisas pré-históricas, sem compromisso com a onda de silenciamentos que marca a história feminina nas ciências como um todo, denunciando o patriarcalismo burguês, em que homens brancos repetiram a história da mulher como inferior e meramente reprodutivista. Desafiando o discurso científico ainda dominante, Marylène Patou-Mathis afirma que: “as pinturas e esculturas mais conhecidas da arte paleolítica podem ter sido realizadas por mulheres” (p.158). Desse modo, ela inicia uma série de exercícios de desconstrução do que conhecemos acerca do papel dos seres humanos que habitaram a pré-história.

A autora descreve a forma como foram retratadas as mulheres no período, não havendo lugar para heroínas. Estas apenas foram descritas como as que esperam apaticamente por um príncipe encantado, como cuidadoras de filhos, das lidas domésticas e da satisfação erótica do marido; enquanto o homem é desenhado de acordo com a visão evolucionista dominante do século XIX e início do século XX, como o herói viril que age com violência para conquistar o que deseja: “[...] um território, uma mulher, ou para vingar um ente querido” (p. 23). As mulheres, ontem e hoje, sempre atuaram ao lado dos homens, o que falta é limpar nossas mentalidades da formação dominante que foi construída no nosso imaginário e que nos ensinou a negar os papéis desempenhados pela mulher e, pois, a sua visibilidade: Urge ainda substituir a forma patriarcal dos sistemas científicos e da vida, “pois sua invisibilidade não é condizente com nenhuma sociedade estudada como um todo por outro sistema que se considere o envolvimento feminino e sua

produção intelectual ao longo da história da humanidade”.

A força engendradora em cada mulher que saltou neste livro – a mulher que deu a volta ao mundo disfarçada de homem devido à proibição de mulheres fazerem parte da tripulação de navios, as mulheres que comandaram exércitos em guerra – as possibilidades de estudar a presença das mulheres na pré-história a partir das fontes e documentação reunidas no livro em análise e o olhar perspicaz da autora, pré-historiadora e arqueóloga do presente que se dedica a entender o passado estudando o comportamento dos primeiros humanos, sem distinguir seus sexos, mas olhando as materialidades possíveis para compará-las com as informações acerca daquelas populações estudadas, a partir do desejo de buscar fatos que componham uma nova historiografia da história das mulheres, iniciada desde a virada do século XX.

A obra se dedica a confrontar essa narrativa de violência primordial e a evolução linear, abrindo espaços para se ver além dessa limitada porta evolucionista e patriarcal, questionando os seres humanos pré-históricos para além da selvageria que a literatura e a arte trataram de forjar no imaginário como inata, durante séculos, nas publicações estereotipadas sobre a mulher, não havendo margem para a alteridade feminina.

A obra enfatiza a necessidade de “desmasculinizar” (Ivan Jablonka) a história e as ciências sociais, entender que “ceder não é consentir”, que a mulher lutou contra a invisibilidade que lhe foi imposta, não havendo consentimento e estando sempre presente a resistência. Indica-se a leitura da obra para uma maior compreensão da exclusão feminina e da ausência do papel da mulher ao longo da história da humanidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PATOU-MATHIS, Marylène. **O homem pré-histórico também é mulher: uma história da invisibilidade das mulheres.** Tradução: Júlia da Rosa Simões. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, 294 p.